CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: FILM NOIR – NO CORAÇÃO DO NOIR 16 e 19 de junho de 2021

SIDE STREET / 1949

um filme de Anthony Mann

Realização: Anthony Mann / Argumento: Sydney Boehm / Fotografia: Joseph Ruttenberg / Direcção Artística: Cedric Gibbons, Daniel B. Cathcart / Montagem: Conrad A. Nervig / Música: Lennie Hayton / Intérpretes: Farley Granger (Joe Norson), Cathy O'Donnell (Ellen Norson) , James Craig (Georgie Garsell), Paul Kelly (Cap, Walter Anderson), Jean Hagen (Hariet Sinton), Paul Harvey (Emil Lorrison), Edmon Ryan (Victor Backett), Charles McGraw (Stanley Simon), Ed Max (Nick Drumman), Adele Jergens (Lucille "Lucky" Colner), Harry Bellaver (Larry Giff), Whit Bissell (Harold Simpson).

Produção: Sam Zimbalist, para a MGM / **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original legendado em espanhol e eletronicamente em português, 82 minutos / **Estreia Mundial:** 14 de Dezembro de 1949/ **Inédito comercialmente em Portugal**.

Side Street é o último filme da primeira fase da obra de Anthony Mann. Mann abandonara o reino dos pequenos estúdios e a série B, para entrar numa "major": a MGM. A passagem fizera-se com o filme anterior, o fabuloso **Border Incident** (um dos seus melhores filmes deste período). **Side Street** é um "thriller" negro bastante representativo do seu tempo e género, com temas e personagens que o cinéfilo reconhecerá facilmente, a começar nos intérpretes principais, Farley Granger e Cathy O'Donnell, o mesmo par que no ano anterior comovera os cinéfilos no sublime **They Live By Night/Os Filhos da Noite**, que marcara a estreia de Nicholas Ray na realização. O filme de Mann tem, aliás, alguns pontos de contacto com a obra-prima de Ray. Em **Side Street** vamos encontrar, ao começo, a personagem de Cathy O'Donnell grávida, estado em que a deixávamos no final de **They Live By Night**. Esta ilusão de "continuidade" é, aliás, intencional, como forma de ligar os dois filmes, ideia do produtor Dore Schary que se transferira da RKO (onde produzira o filme de Ray) para a MGM. É evidente que os filmes não têm mais nada em comum, apesar do mesmo dramático percurso da personagem de Granger, que no caso de **Side Street** é mais típico do filme

É neste campo, o do filme "negro" que **Side Street** é mais sugestivo. O começo, com aquelas magníficas imagens aéreas de Manhattan, que parecem anunciar as que uma dúzia de anos mais tarde filmará Robert Wise para o começo de **West Side Story**, procuram mostrar a "selva de asfalto" (como a voz off logo a apresenta), como um organismo vivo onde germinam todas as paixões do mundo. É a mesma perspectiva e fórmula com que começa **The Naked City/Nos Bastidores de Nova Iorque**, realizado por Jules Dassin no ano anterior e que será usada no tipo de filmes que se centram sobre a actividade da polícia, prosseguidas em séries televisivas como **Dragnet**, **Highway Patrol** e **The Naked City**, a marca do policial semi-documental que funcionou naqueles anos com as produções de Louis de Rochemont para a Fox. Contudo, no filme de Mann este aspecto vai menos para a descrição do trabalho da polícia (os agentes, mesmo o narrador, o capitão Walter Anderson/Paul Kelly, são bastante secundarizados, ao contrário dos filmes que lançaram o

"negro", enquanto género, marcado pelos seus clichés.

género), indo o destaque para o percurso de Joe Norton (Farley Granger) pela cidade, na sua desesperada busca e fuga. A cidade torna-se, deste modo, a personagem principal do filme, e o drama de Joe apenas um entre os milhões que a povoam, como a voz off de novo o sublinha no final.

A cidade com as suas ruas, bares, apartamentos, que progressivamente vai ocupando o ecrã até de novo a dominar completamente na notável sequência final com a persequição dos carros da polícia ao táxi dos foragidos, pelas ruas de Manhattan e pela Wall Street na espectacular tomada de vistas aérea, e que é, sem dúvida, uma das melhores que se fizeram até então. Falta a Mann o seu director de fotografia de eleição deste período, John Alton, responsável pela atmosfera "negra" de **T-Men** e **Raw Deal**, mas Joseph Ruttenberg, um dos melhores operadores da MGM substitui-o de forma perfeita, dando o mesmo clima de inquietação nos interiores nocturnos (a sequência do bar, com a cantora) com os seus perfeitos contrastes de luz e sombra, e dando aos exteriores uma dimensão realista invulgar, em particular na referida cena da perseguição final. Por sua vez, a mão de Mann, o seu estilo destaca-se nalgumas cenas de construção invulgar, onde se destaca a fabulosa cena do assassinato da cantora Harriet, dentro do táxi, por Gasell (James Craig), um assassino psicopata na linha de outras personagens com o John Ireland de Railroaded. Harriet é estrangulada enquanto Gasell simula beijá-la, perante o sorriso do leiteiro que passa pelo plano, julgando tratar-se de dois namorados. Pela forma insólita como está apresentada lembra outro assassinato na obra de Mann: o de Wallace Ford em T-Men, nos banhos turcos. A vítima, Harriet, é interpretada por Jean Hagen, que aqui se estreou no cinema, e é mais lembrada pelo seu trabalho em The Asphalt Jungle/Quando a Cidade Dorme, de John Huston e Singin' in the Rain/Serenata à Chuva, de Stanley Donen e Gene Kelly, onde era a inesquecível Lina Lamont.

Farley Granger e Cathy O'Donell, formam de novo um par marcado pelo destino, mas o papel da segunda não tem a importância que lhe é dada no filme de Nicholas Ray. O argumento explora principalmente o drama de Joe, um carteiro eventual que deseja dar melhores condições à sua mulher para ter o parto, e que num momento de "desvario" rouba uma mala contendo 30 mil dólares do escritório de um advogado. A primeira metade do filme acompanha o processo que o leva ao arrependimento e que culmina com o nascimento do filho, no termo da qual resolve devolver o dinheiro roubado. Só que este era, como já sabemos desde o começo, o preço da chantagem do referido advogado a um industrial. A segunda parte vai acompanhar a corrida desesperada e de Joe para recuperar o dinheiro e provar a sua inocência da série de crimes que vão pontuando o seu percurso.

Anthony Mann tem obras mais importantes do que esta neste período. Basta lembrar **Raw Deal** e **T-Men**, ou **Border Incident**. Mas **Side Street** representa-o bem como um autor completo, pronto para o grande salto, que terá lugar no ano seguinte com o início da "conquista do Oeste".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico